

Mais*

ENTENDA A UNIÃO DE FATORES CLIMÁTICOS QUE
PREVÊ CHUVA EM SALVADOR DEPOIS DO SÃO JOÃO



Tailane Muniz
REPORTAGEM
tailane.muniz
@reddebahia.com.br

No Outono das folhas secas, vai sobrar chuva em Salvador. A fase de transição entre Verão e Inverno trouxe, além da diminuição da temperatura ambiente, característica do período, a sensação de que há um chuveiro aberto sobre a capital, onde o sol tem feito aparições tímidas. E os meteorologistas adiantam que a previsão é de que a torneira continue aberta até, pelo menos, os festejos do São João.

Desde o início da estação, em 20 de março, as chuvas têm dado pouca trégua aos soteropolitanos. De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), abril registrou, até ontem, 172,3 milímetros de chuva, quase 60% dos 295,7 milímetros esperados para todo o mês.

A explicação para o grande volume de chuva, mesmo nos dias em que o sol tem dado o ar da graça, não tem ligação nenhuma com o humor de São Pedro. Primeiro que, segundo o Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema), o período de março a julho é mesmo o que mais chove na Bahia.

Somado a isso, as águas do Oceano Atlântico, superaquecidas devido à queimada do Verão que acabou de terminar, colaboram para a formação de nuvens que são levadas por ventos úmidos até a faixa centro-leste do estado, especialmente nas regiões mais próximas ao litoral. É o caso de Salvador.

O Inema também explica que, apesar do mau tempo, o Outono tem algumas características típicas do Verão, como nuvens convectivas intensas - que provocam chuvas rápidas, mas intensas.

Em outras palavras, os especialistas explicam que o sol tinha tudo para estar brilhando, mas o mar, de tão quente, favorece a evaporação do ar e, consequentemente, as nuvens chegam à costa tão cheias de água que não tem jeito: a chuva cai sem dó. O Inema acrescenta que as chuvas deste período são, em geral, acompanhadas por raios e rajadas de vento.

'FENÔMENOS NORMAIS'

O mau tempo repentino, como o que ocorreu anteontem, segundo especialistas, é causado pelo Distúrbio de Leste (DOL), ou Ondas de Leste, que, conforme boletins da Defesa Civil de Salvador (Codesal), tem sido recorrente na capital. A instabilidade climática é tropical e mais comum no Nordeste do Brasil. A previsão é de que ocorra com

mais frequência até junho.

Assim como o fenômeno que provoca instabilidade no tempo, há mais fatores que explicam a chuva - as frentes frias e a aproximação de ondas de baixa pressão, afirma a meteorologista do Inmet, Cláudia Valéria da Silva.

"Os fenômenos, que têm ligação com a convergência da umidade do oceano e são normais, podem ocorrer simultaneamente ou não. Não há uma regularidade, só a probabilidade de que ocorram até julho. Tivemos um Verão bastante quente e a superfície do oceano está aquecida, o que traz as nuvens de chuva", completa ela, que alerta para o aguaceiro que deve cair neste fim de semana.

"São chuvas comuns e esperadas, apesar do aumento. Já temos 60% a mais do que era esperado para a média do mês e devemos ter chuvas mais fortes, quase diariamente, até junho. Depois, ainda vai chover por muitos dias, mas aí o volume já tem outra característica, já não tem tanta força", explica.

Para Cláudia, os soteropolitanos até podem programar uma praia, mas com a consciência de que, a qualquer momento, o tempo pode virar. "Não tem jeito, as pessoas precisam conviver com a chuva. Praia até dá, mas sol, aí eu não garanto", destacou.

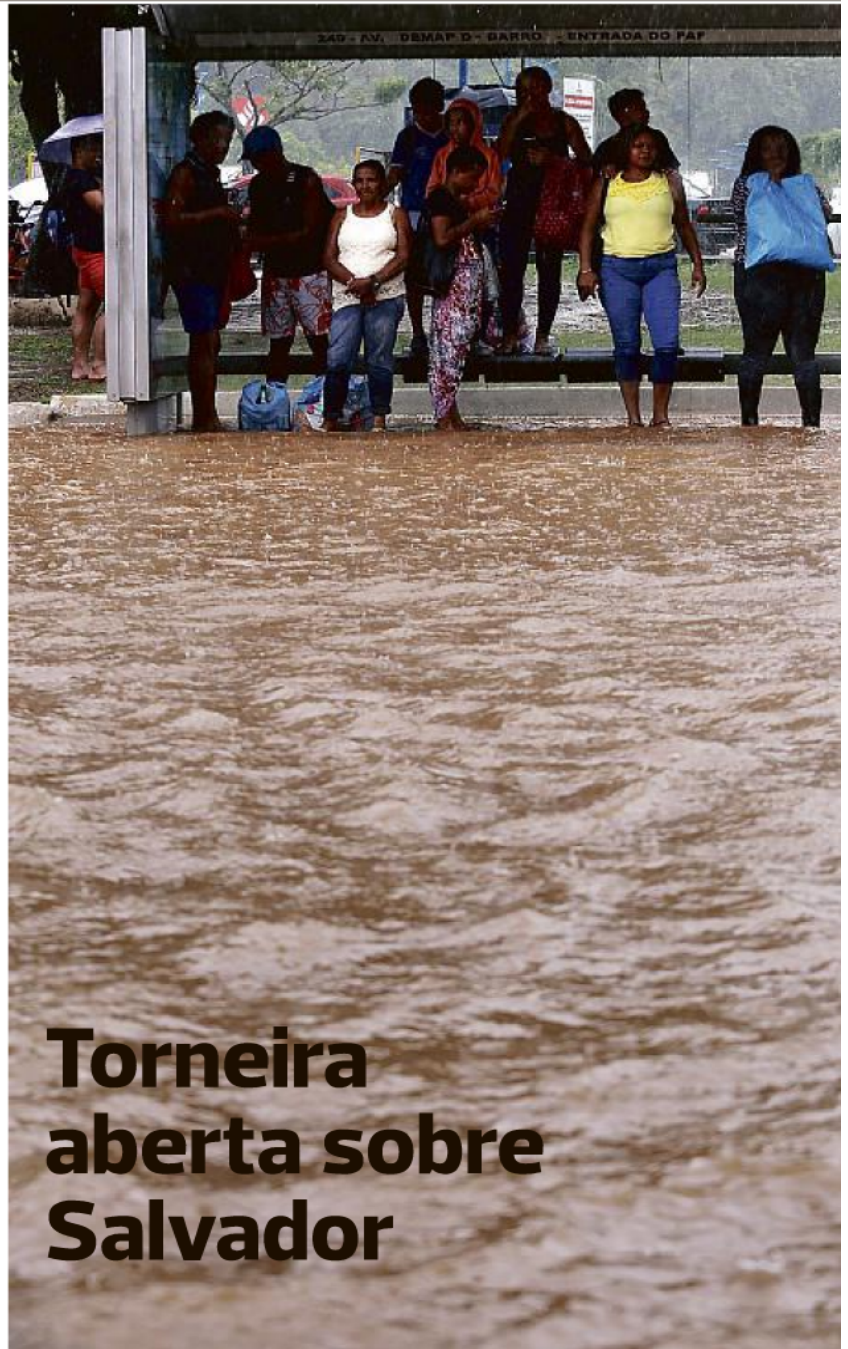
A previsão para o interior do estado, no entanto, é de redução da frequência da chuva, com ocorrências isoladas e em dias intercalados, principalmente no Oeste, região do São Francisco e Sudoeste, informa o Inema.

TRANSTORNOS

Quando chega abril, o soteropolitano já sabe. O período chuvoso traz os alagamentos, deslizamentos e desabamentos como consequências mais frequentes na capital, de acordo com a Defesa Civil de Salvador (Codesal). As pessoas que moram nas 108 áreas de risco observadas pelo órgão devem ficar atentas. Só ontem, o órgão registrou, até as 17h, 165 ocorrências.

Foram 21 alagamentos de imóveis, um alagamento de área, 31 ameaças de desabamentos, duas ameaças de desabamentos de muro, 50 ameaças de deslizamentos, 12 árvores ameaçando cair, duas avaliações de áreas, 16 avaliações de imóveis alagados, dois desabamento de muros, dois desabamentos parciais, 17 deslizamentos de terra, cinco infiltrações, duas orientações técnicas, uma explosão e um destelhamento.

Ontem à tarde, por exemplo, boa parte do telhado da Paróquia Conversão de São Paulo, que fica na comunidade de São José Operário, em Fazenda Grande, cedeu. De



MARINA SILVA/ARQUIVO CORREIO

Torneira aberta sobre Salvador

Distúrbio de Leste Chuva deve seguir até julho na capital baiana, dizem especialistas

acordo com a Arquidiocese, ninguém estava no local na hora do acidente. Só o que ficou intacto foi o altar.

Segundo o diretor-geral da Codesal, Sósthene Macêdo, as áreas com maior risco são as oito localidades onde estão instalados o sistema de alerta que emite um alarme aos moradores quando há risco de deslizamentos: Vila Picasso; Voluntários da Pátria e Rua Coronel Pedro Ferrão, na Baixa do Fiscal; no Lobato, Rua

Mamede; região de Tancredo Neves; Tancredo Neves, próximo à BR-324; Bom Juá e Novo Marotinho.

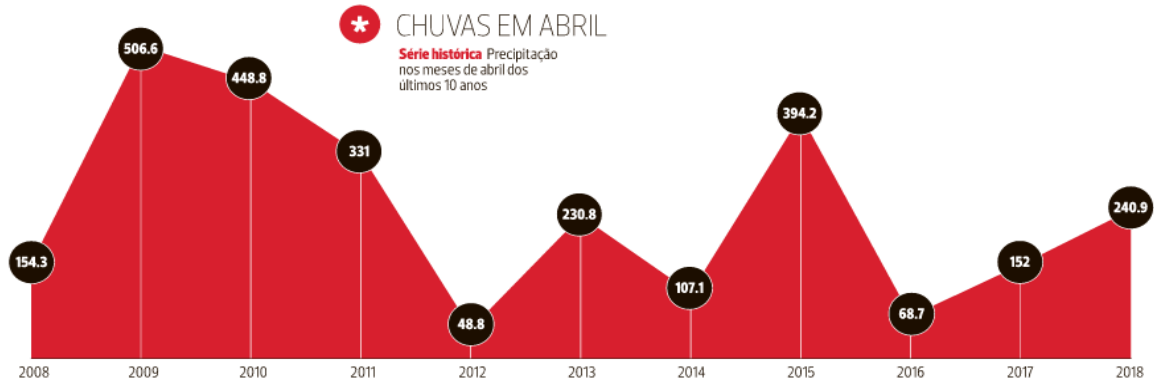
O equipamento dispara quando, no intervalo de 72 horas, é registrado, na área, um volume de 150 milímetros de água. "Os distritos da Liberdade e São Caetano e Pau da Lima compreendem essas regiões. Essas são as áreas de miolo, onde estão os nossos maiores registros de altos e baixos", afirmou.

Rio de Janeiro Desabamento de dois prédios residenciais na zona oeste deixa ao menos quatro mortos PÁGS. 16 E 17

Petrobras Bolsonaro admite que determinou a suspensão do reajuste de 5,7% no preço do diesel PÁGS. 18 E 19



Avenida Adhemar de Barros, em Ondina, parecia um rio, antecedem de manhã



Investimentos em prevenção passam de R\$ 120 mi

Se a chuva não é novidade, o jeito é tentar reduzir os transtornos para quem precisa conviver com ela. De acordo com a Secretaria Municipal de Infraestrutura, chefiada pelo vice-prefeito de Salvador, Bruno Reis, "desde 2013, a prefeitura já realizou 59 obras de contenção de encosta com investimentos de mais de R\$ 70,3 milhões, além da aplicação de 152 geomantas, por meio da Codesal, com investimentos de R\$ 14 milhões".

Ainda segundo a pasta, "outras 15 obras de contenção estão em andamento com investimentos de R\$ 36,4 milhões". Para reduzir os impactos, a prefeitura, por meio da Limpurb, faz a colocação de lonas e a limpeza das encostas. No governo do estado, a Companhia de Desenvolvimento Urbano da Bahia (Conder), por meio do Programa de Prevenção de Desastres Naturais, atua em obras de contenção de en-

59
obras de contenção de encostas foram feitas pela prefeitura

costas, macrodrenagem e proteção dos rios.

O presidente José Lúcio Machado destaca que, em Salvador, foram mapeadas 107 áreas de risco alto ou muito alto, onde foram feitas obras de contenção. "Os serviços realizados levaram segurança e mais tranquilidade para uma população de mais de 101 mil pessoas, principalmente no Subúrbio e no miolo", destacou.

YASMIN GARRIDO, COM SUPERVISÃO DO CHEFE DE REPORTAGEM JORGE GAUTHIER

Comunidade é cadastrada para deixar área de risco

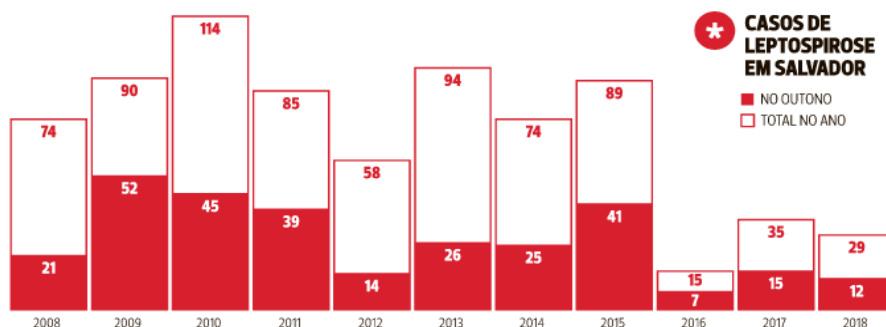
Ontem, equipes da Codesal e da Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza passaram a manhã catalogando imóveis e cadastrando famílias para aluguel social na comunidade de Vila Picasso. O lugar fica numa das encostas com maior risco de deslizamento.

Cerca de 400 famílias residem na comunidade, de acordo com a Codesal, que recomenda que elas deixem o local. Mas, segundo a responsável pela Coordenação de Prevenção e Redução de Riscos da Codesal, Gabriela de Moraes, é comum que haja uma resistência: "Muitas vezes, eles já estão acostumados àquela rotina, às pessoas". O coordenador de Contingência da Codesal, Francisco Costa Júnior, acrescenta: "Ninguém mora em encosta porque quer, mas porque precisa".

Gabriela explica que após as chuvas de abril de 2015 há toda uma estrutura de prevenção de tragédias. Depois que uma área de risco é mapeada, os moradores são capacitados para identificar os riscos e saber como deixar a área da maneira mais segura.

"No momento que o alarme é acionado, por exemplo, o morador já sabe onde é o ponto de apoio e as rotas de fuga. Nos lugares que não têm esse sistema, os moradores devem imediatamente ligar para a Codesal pelo 199", alerta Francisco.

Quanto aos sinais de perigo, o engenheiro comenta que eles são visíveis. "Quando o piso da residência está afastando da parede esponaneamente, isso é um sinal claro de desabamento". Se, na rua, árvores ou postes têm inclinado, isso também pode ser um indicativo.



Leptospirose: quase 40% dos casos foram no Outono

O risco trazido pela chuva não é só para quem mora em encostas. Neste período de Outono, os casos de leptospirose aumentam consideravelmente na Bahia e em Salvador, se comparado aos demais períodos do ano.

Esse é o tema de um estudo do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ICS/Ufba). Pesquisadores vêm, desde 2017, investigando os riscos de contrair a doença em bairros da capital que são mais atingidos por alagamentos, enchentes e outros fenômenos causados pelas fortes chuvas do Outono.

Na primeira fase da pesquisa do ISC, os bairros visi-

tados foram Marechal Rondon, Alto do Cabrito, Rio Sena e Nova Constituinte, no Subúrbio Ferroviário. Os dados coletados apontam, por exemplo, que as famílias com renda mais baixa estão mais expostas à infecção. O número de casos, confirmados através de testes sorológicos, foi 63% menor nos domicílios que receberam, ao menos, um salário mínimo em relação aos sem renda.

"Entre os moradores pesquisados, 84% apontaram o esgoto a céu aberto como principal determinante de risco objetivo", afirmou o pesquisador Hussein Khalil.

O CORREIO levantou os dados de internamento em

Entre moradores pesquisados, 84% apontaram o esgoto a céu aberto como principal determinante de risco objetivo Hussein Khalil

Pesquisador do ISC/Ufba

razão da doença registrados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) de 2008 a 2018, no estado e na capital baiana. Há um aumento considerável dos casos nos meses de Outono, entre março e junho.

Entre 2008 e 2018, no Outono, Salvador teve 297 internamentos por sintomas da leptospirose - 62% dos casos na Bahia no período. No total de 10 anos, foram 757 casos na capital.

Comparado ao restante do ano, nos últimos dez anos, 40,13% dos casos de leptospirose na Bahia aconteceram no Outono. Foram 1.191 casos no total - 478 de março a junho.

YASMIN GARRIDO, COM SUPERVISÃO DO CHEFE DE REPORTAGEM JORGE GAUTHIER